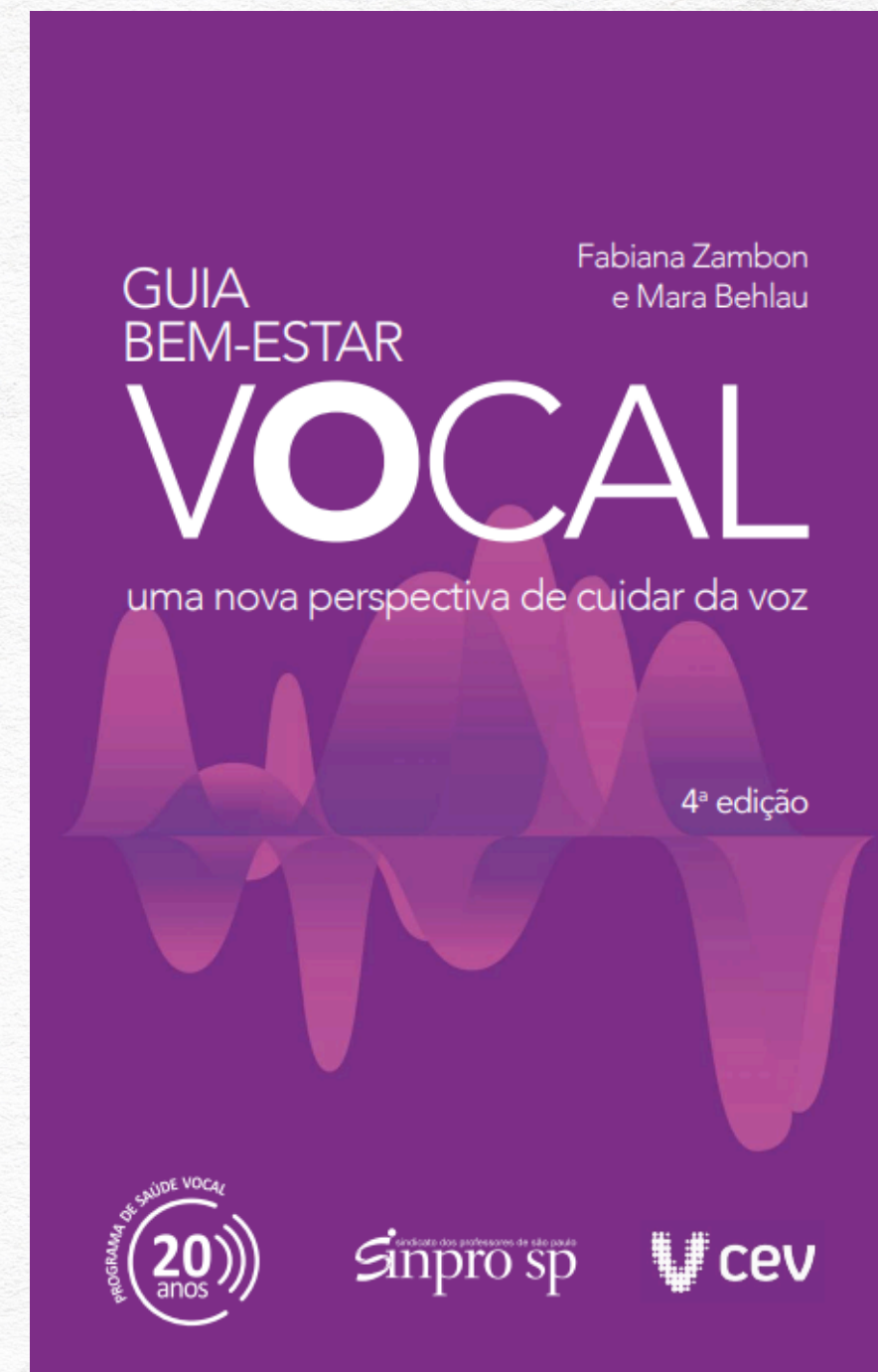


GUÍA BEM-ESTAR VOCAL

SINPROSP E CENTRO DE ESTUDOS DA VOZ (CEV)

- Revisão, edição e atualização de texto para a 4ª edição do Guia Fonoaudiológico da Dra. Fabiana Zambon, coordenadora do Programa de Saúde Vocal do SinproSP e especialista em saúde e comunicação de professores, em parceria com a Dra. e fonoaudióloga Mara Behlau;
- Revisão de diagramação;
- Planejamento de calendário e lançamento;
- Orçamento e controle do processo de impressão das versões físicas;
- Mailing e release de envio para jornalistas, parceiros e especialistas de fonoaudiologia.

Revisora/Editora. [Link](#).



que a voz é tão importante para o professor?

A voz não apenas transmite as palavras e também passa a mensagem emocional das palavras. Todos já tivemos a experiência de em um simples gesto perceber uma emoção de alegria ou preocupação. Assim, o professor tem a dupla função de informar conteúdo e sentimentos. Para o professor, a voz ensina, controla os alunos, transmite carinho e é o principal recurso de transmissão do conhecimento em sala de aula.

que os professores enfrentam tantos problemas de voz?

Os professores usam a voz constantemente, assim como os atletas usam os músculos do corpo. Contudo, ao contrário dos esportistas que se submetem a treinos específicos e desenvolvem preparo físico suficiente para resistir ao desgaste de sua profissão, é raro que um docente tenha tido a oportunidade de desenvolver sua voz para a comunicação em sala de aula. Além disso, a voz, para ser efetiva, tem que contar com a ajuda de condições ambientais que favoreçam sua projeção, o que não costuma acontecer nas escolas.

3) Como a voz é produzida?

A voz é produzida na laringe, que fica no pescoço. Desta forma, o som dela depende de um refinado controle cerebral que coloca em vibração as pregas vocais, popularmente conhecidas como cordas vocais. O combustível dessa vibração é o ar que sai dos pulmões, e uma boa coordenação entre o ar que passa pela laringe e a vibração das pregas vocais é o que produz a voz humana, que se transforma nos sons da fala pelos movimentos dos articuladores, como a língua e os lábios.



Episódio de podcast

Como vai a saúde docente?

SinproSP No Ar

PODCAST SINPROSP

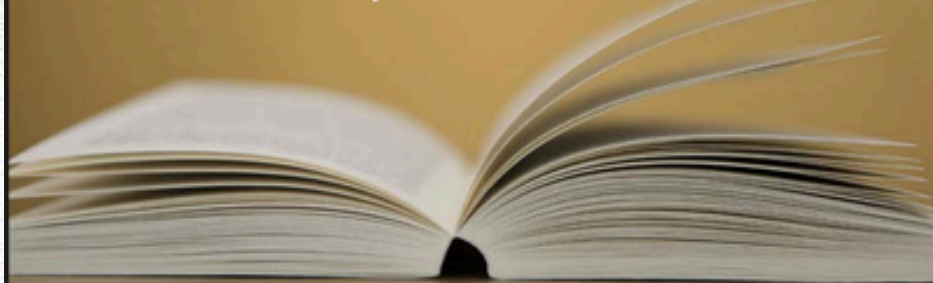
Legenda: “Tem pessoa que fala: ‘graças aos céus eu vou me aposentar daqui a algum tempo’. Isso é sinal de que a vida não está boa no trabalho”, explica a doutora Maeno. “Eu acho que a gente tem que pensar ‘que gostoso trabalhar! Que gostoso fazer o que eu estou fazendo’. Isso que a gente tem que perceber e, na minha opinião, não se consegue de uma forma individual. Porque todas as condições, toda a organização do trabalho, nos afetam. E nos afetam de uma forma coletiva”.

Maria Maeno, que é doutora em saúde pública pela USP e pesquisadora da Fundacentro

Roteirista/Produtora. [Link](#).

Pedagogia da leitura: o professor como a personificação do paradoxo para a formação do leitor

© PUBLI/PIRAM



Do ensino da literatura e da língua portuguesa nas escolas ao engajamento para leitura dos estudantes nas universidades, professores tentam lidar com os desafios de serem apontados como a cura e o problema da leitura no Brasil em meio a sobrecarga de trabalho e os obstáculos de engajamento dos alunos.

Por NATASHA MENEGUELLI

“O que eu acho que vem acontecendo já há muitos anos é que o professor foi responsabilizado por tudo”, afirma Nancy Casagrande, professora associada do departamento de Ciências da Linguagem da PUC-SP, onde atuou como professora nos cursos de graduação em Pedagogia, Letras e Direito, além de ser docente da pós-graduação em Língua Portuguesa. “É o professor quem tem que acolher, tomar conta dos problemas emocionais, ficar alerta para questões de saúde em sala de aula, além de dar conta daquilo que seria sua competência, formar o leitor e o escritor. Ensinar português, matemática, história”.

Em entrevista para a GIZ, ela aponta que as pressões não vêm só da sociedade no geral, da escola e dos pais e responsáveis, mas também dos colegas. “É como se fosse um papel só do professor de língua portuguesa, o de ensinar leitura e interpretação, não só de texto, mas de mapas e imagens, do entendimento de um enunciado da matemática, no estabelecimento de relações históricas e temporais. A verdade é que todos temos que trabalhar juntos”.

Nancy é mestre e doutora em Língua Portuguesa pela PUC-SP, possui pós-doutorado em Formação de Professores pela Universidade do Porto, de Portugal, e já atuou na educação básica. Ela afirma ser uma professora já antiga, por sua formação ser diferente da de hoje, mas que a dela também é distinta dos docentes que possuem 60 ou 70 anos. Para a professora, a formação docente, que inclui a necessidade de uma formação continuada, é um dos desafios que mostram que a culpa não é dos professores, e que aquilo que está no papel, quando se estuda a teoria, pode parecer perfeito, mas nem sempre funciona na prática. “Na sala de aula a coisa muda muito. Muito. E quando se coloca a responsabilidade só no professor, o impacto é absolutamente negativo. A gente recebe os alunos, mas eles precisam ter este incentivo em casa”.

Ela conta que há alunos que devoram livros, na versão impressa ou digital, enquanto outros não demonstram interesse, e que a família acaba tendo um papel fundamental nisso: “claro que isso nem sempre dá certo, não é uma regra. Mas é uma influência”.

Valéria Bússola Martins, docente do Mackenzie nos cursos de Letras, Jornalismo e Publicidade e Propaganda, que já atuou em todos os níveis de ensino, do Ensino Infantil ao Ensino Médio, e inclusive com a Educação de Jovens e Adultos, concorda que o hábito da leitura

começa com a família, e que não deve se esperar que a escola cumpra esse papel isoladamente. “Alguns pais vinham em reuniões, falar comigo que estavam desesperados porque os filhos não liam”, conta a professora. “E aí eu perguntava para esses pais: o que o senhor leu no último mês? No último ano? A resposta era ‘nada’. Isso torna tudo ainda mais difícil, porque são eles o primeiro exemplo que as crianças e os adolescentes têm. É o que pode gerar aquela curiosidade inicial”.

Ela diz que a prática da leitura deveria ser um hábito dos responsáveis desde cedo. “Quando a criança ainda nem tá lendo as palavras, ela pode ler imagens. Os pais e responsáveis podem perguntar para os pequeninhos o que eles estão vendo, o que estão entendendo. Para depois começar a ler junto, cada um lê uma página. A criança vai ganhando fluência na leitura, começa a compreender com mais facilidade tendo este lado na família”.

QUEDA NO NÚMERO DE LEITORES

De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2024, o país perdeu 7 milhões de leitores nos últimos quatro anos. Na 6ª edição do estudo, 53% dos entrevistados não leram nem mesmo parte de uma obra nos três meses anteriores à pesquisa, e que houve uma queda no número de pessoas que apontam a escola como lugar de prática da leitura. Apesar disso, também foi detalhado que a maior parte das pessoas perdem o hábito de leitura com o passar das décadas, colocando os anos escolares como aqueles em que há mais engajamento neste sentido. Ainda assim, todos os docentes entrevistados pela GIZ afirmaram ter percebido uma diminuição nos níveis de leitura nos últimos anos.

“O Brasil não tem um histórico de leitores, não tem essa cultura de valorização da leitura. Então não é um problema só do aluno”, explica Rosana Bignani, docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie no curso de Publicidade e Propaganda do Centro de Comunicação e Letras, mestre em Ciências da Comunicação pela USP e doutora em Letras (Análise do Discurso) pelo Mackenzie. Ela diz que “percebe que hoje o aluno não está interessado nem em fazer uma leitura mínima. Ele não está procurando isso”. Para a professora, é como se o hábito tivesse sido esquecido, abandonado, e fosse feito apenas por obrigação.

“O desafio maior é lidar com essa geração nativa digital, que tudo é interessante, menos a escola. Segundo, fazer um trabalho com a leitura em que você resgate a importância dela como descoberta, que a criança consiga relacionar a leitura com a própria vida. Há uma ampliação de universo, mesmo como leitor. E não tem receita.”

NANCY CASAGRANDE, professora associada da PUC-SP



TECNOLOGIA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

“Eu gosto muito de ferramentas tecnológicas. Eu tenho uma orientanda atualmente que pediu para os alunos fazerem uma releitura da história dos três porquinhos usando a inteligência artificial”, defende Valéria Bússola Martins. “O resultado foi maravilhoso, os estudantes desenvolveram habilidades de leitura, de compreensão e de interpretação. Os alunos perceberam que era muito importante a pergunta que eles iam fazer para a inteligência artificial, mais do que a resposta que eles recebiam. Inclusive, depois faziam um trabalho de reescrita”.

A docente conta que, com a criação de uma trilha de aprendizagem, com o uso sendo orientado pelo professor, com exemplos de uso, o resultado é satisfatório para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Valéria entende que o digital incomoda boa parte das pessoas por ainda ser uma novidade, mas que a questão em sala de aula é compreender que este faz parte da realidade não só das crianças e adolescentes mas também dos adultos, e que não é positivo ignorar essa realidade, mesmo que o professor tenha que se aventurar um pouco.

Valéria recorda do ano em que se formou, 1998, quando ainda era preciso datilografar os seus trabalhos. Quando começou a trabalhar nas escolas, algumas já tinham recursos tecnológicos disponíveis. “Na época, inclusive, eu era alfabetizadora. E aí eu nunca me esqueço de um aluno da pré-escola que tinha aquela letra espelhada, que o aluno escreve com a letra viradinha. E aí a primeira vez que ele digitou no teclado, ele digitou certo. E ele falou: ‘Olha, pré, aqui a minha letra sai certa’. Eu percebi que tinha que aproveitar todas essas questões”.

A professora menciona também que, embora muita gente não goste, os influenciadores digitais que falam de livros e literatura têm sido os responsáveis por esgotar uma série de obras. Menciona uma influenciadora estadunidense, do TikTok, que leu Machado de Assis e, ao se apaixonar pela leitura dele, publicou uma resenha que fez com que o livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas” esgotasse na Amazon. “Isso não é bom? Teve gente que ficou brava, de precisar de alguém de fora falar da obra. Eu já estou feliz porque as pessoas estão lendo”, defende Valéria. “Eu penso que a questão das mídias ajuda muito, a questão é que é preciso mostrar para o aluno, em sala de aula, que ele precisa conhecer elas a fundo, como funcionam, para que ele compreenda o que e como as coisas aparecem para ele”.

LEITURA AMPLIADA

Se pobre e leitor no Brasil: um manual prático. Outras Palavras (2025). Disponível em: <https://outrospalavras.net/outrosmidias/ser-pobre-e-leitor-no-brasil-um-manual-pratico/>.

REPORTAGEM

REVISTA GIZ

Trecho: Do ensino da literatura e da língua portuguesa nas escolas ao engajamento para leitura dos estudantes nas universidades, professores tentam lidar com os desafios de serem apontados como a cura e o problema da leitura no Brasil em meio a sobrecarga de trabalho e os obstáculos de engajamento dos alunos

“O que eu acho que vem acontecendo já há muitos anos é que o professor foi responsabilizado por tudo”, afirma Nancy Casagrande, professora associada do departamento de Ciências da Linguagem da PUC-SP.

Repórter. [Link](#).

REPORTAGEM

NONADA JORNALISMO

Trecho inicial: “Um médico já me recomendou se afastar do trabalho por conta das tintas, da chuva, do sol. Mas é difícil abandonar um trabalho que, além de sustentar, a gente gosta”, relata Mina Ribeirinha. A grafiteira, de Belém, Pará, mora no bairro fundado pelos pais e também tem um ateliê para complementar sua renda. “No verão o sol acaba com a nossa pele. Antes a gente usava protetor solar fator 30, mas a gente mudou porque não dava conta, agora é 70, 80. E como ele é mais espesso, mais pesado, acaba com a nossa roupa”.

Repórter. [Link](#).

Reportagem | Clima e cultura

Artistas de rua lutam para continuar seu trabalho em meio à crise climática

Com o estresse térmico das ondas de calor e as perdas com a chuva, tanto a arte quanto às possibilidades financeiras são afetadas



Truques e Trambiques na Mostra de Teatro Rua Lino Rojas em SP (Foto: Pedro Salvador/divulgação)



Por [Nonada](#)

3 de abril de 2024

Compartilhe





Episódio de podcast

Lei 10639 e a Educação Antirracista

SinproSP No Ar

PODCAST SINPROSP

Legenda: O SinproSP No Ar desta quinzena traz uma conversa com Rafael Pinto, sociólogo e membro da executiva nacional da Conen (Coordenação Nacional de Entidades Negras). Liderança histórica do movimento negro, ele fala sobre a lei 10.639, que há vinte anos estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas do país.

"Estamos ainda bastante preocupados, por conta da morosidade na implementação da lei. Precisamos avançar. A Educação não pode ser eurocêntrica e precisa dar conta de uma sociedade multicultural e multiétnica. E que, no atual cenário, precisa ser também antirracista".

Roteirista/Produtora. [Link](#).

OBRIGADA!

NATASHAGMENEQUELLI@GMAIL.COM

11 958702423

LINKEDIN